

1000 HOMENS E UM BEBÊ

Eles sentiam saudades de casa e abriram seu coração a uma criança especial.

LAWRENCE ELLIOTT

NUMA SOLITÁRIA noite de sábado de julho de 1953, um enfermeiro de um posto clínico do exército dos Estados Unidos localizado na Coréia devastada pela guerra resolveu fumar um cigarro fora da sala. Ao sair, tocou com o pé num monte de jornais e um grito apagado e fraco surgiu da escuridão.

Era uma criança, um bebê macilento e que respirava com dificuldade.

Pouco depois, o soldado corria para o Lar Infantil Estrelado-Mar, em Inchon. Entregou o volume que transportava a uma freira, que desembalhou um corpinho emaciado. O bebê era do sexo masculino, talvez de 1 mês de idade. Tinha os olhos azuis.

A guerra estava entrando em seu quarto ano. Inchon tinha sido conquistada, libertada, bombardeada e posta sob regime de fome, e o orfanato praticamente não fora poupado disso. Seu pessoal eram freiras francesas assoberbadas de trabalho e uma dúzia de ajudantes coreanas. Ele era dirigido pela irmã Philomena, uma astuciosa enfermeira irlandesa, determinada como ela só.

O orfanato estava tão sobrecarregado que, quando as crianças chegavam à adolescência, era preciso mandá-las seguir sua vida. Nunca havia comida ou roupas suficientes. A freira se perguntou o que fazer com o bebê mestiço.

Bem no íntimo sabia que aquele menino de olhos azuis jamais seria bem aceito na Coreia. Haveria de ser sempre marginalizado como «o branco». Mal ela virava as costas, as ajudantes coreanas passavam a ignorar a criança. Mesmo que ele de algum modo conseguisse atingir a idade adulta, a freira sabia que seria sempre desprezado e perseguido como o filho abandonado de um soldado americano.

Por isso, quando o navio *Point Cruz*, um porta-aviões de escolta, lançou âncora ao largo de Inchon, no princípio de setembro, ela teve uma idéia. Mandou uma mensagem ao capelão do navio, o tenente Edward O. Riley.

Os dois eram amigos de longa data. Por vezes, e com a conivência do comandante do *Point Cruz*, o padre Riley levava coisas das despensas do navio para as crianças da freira: leite em pó, remédio contra a tosse, aspirinas. Quando ele chegou ao orfanato, a irmã Philomena o pôs a par da situação da criança que o soldado americano lhe tinha trazido do AS-COM, quartel-general do comando dos serviços provedores e de transporte do exército. Depois, levou-o ao berçário.

Os dois foram observados por uns olhinhos muito azuis. O bebê era só costelas e um barrigão inchado. A pele de seu rosto estava coberta por uma erupção. «Não tenho nem os remédios nem os alimentos adequados», explicou a diretora do orfanato. «Estou certa de que poderá fazer alguma coisa por ele, padre Riley. Afir-

nal de contas, trata-se de um americano!»

O padre resolveu regressar ao navio e falar com seu capitão.

«Esse bebê tem um nome?», quis ele saber.

«George, o nome do enfermeiro que o levou para o orfanato», replicou o capelão.

«E há alguma chance de vir a ser adotado por uma família coreana?»

«Zero!»

«Bom, nesse caso, quero que faça o seguinte», ordenou o capitão John T. Hayward, conhecido pelo apelido de Chick, que no passado tinha sido expulso da academia militar, jamais terminara o segundo grau e, portanto, sabia o que era ter de lutar para vencer na vida. «Encontre um oficial coreano disposto a emitir um passaporte para o pequeno. Mas antes de mais nada, vamos trazê-lo para bordo do *Point Cruz* e mantê-lo aqui até que fique bom!»

O padre Riley ficou radiante. Mas sentiu-se obrigado a lhe perguntar qual a opinião da Marinha quanto ao fato de ser dado abrigo a um bebê a bordo de um porta-aviões.

«Pela Lei Hayward, numa emergência, os regulamentos devem ser inteligentemente ignorados», foi a resposta seca que obteve.

«Deus o abençoe.» Com essas palavras emocionadas, o capelão saiu e foi lutar contra a burocracia coreana.

Uma semana depois estava de volta, profundamente desencorajado. Tinha percorrido Inchon de lés a lés e falado com inúmeros funcionários

do governo, mas, sem certificado de nascimento, ninguém emitia um passaporte.

Chick Hayward nem pestanejou. «Nesse caso, creio que nossa única alternativa é ir falar com as pessoas lá de cima!» Pegando numa garrafa de uísque que guardava no cofre, voltou-se para o capelão: «Padre, esta é minha última garrafa. Talvez encontre alguém no Ministério dos Negócios Estrangeiros em Seul que precise mais dela que eu. Mas não me volte sem um passaporte!»

O NAVIO-HOSPITAL *Consolation* estava fundeado no porto há três semanas, quando o tenente Hugh Keenan, um cirurgião, foi a terra. Era uma escaldante manhã de setembro e seus dois companheiros, que já conheciam Inchon muito bem, sugeriram uma visita ao orfanato Estrela-do-Mar. «Saímos do sol e a irmã Philomena nos dá um chá!»

Mas a diretora tinha mais que um simples chá em sua agenda. Depois de observar atentamente o recém-chegado e de ficar sabendo que era casado e tinha uma filha de 8 anos, levou-o a visitar o berçário. Quando Keenan voltou, trazia no colo um bebê de olhos azuis e brotoejas. «E agora», propôs a irmã, ao mesmo tempo que lhe entregava uma mamadeira, «dê de comer a ele!»

O simples fato de pegar no bebê acalmou uma dor que o cirurgião carregava consigo há já muito tempo. Ele e sua mulher tinham perdido vários filhos ao longo de seu casamento, o último dos quais um me-

nino, cerca de um ano antes. Quando ia embora, Keenan prometeu à freira: «Vou trazer um remédio para essas brotoejas.»

No dia seguinte, ele estava de volta com o medicamento. Depois de passá-lo a Philomena, sentou-se e deu de mamar a George. «Diga-me, doutor, por acaso não estaria interessado em adotar um garoto como esse?», perguntou-lhe a freira.

«Sim, pode até ser...», respondeu Keenan.

Voltando para o *Consolation*, ele resolveu se aconselhar com seu capitão.

«Tenente, sua função é cuidar do pessoal militar», foi a resposta que lhe deu o oficial. Em vista disso, Keenan viu-se forçado a dizer à freira que a adoção estava fora de questão. Mas sempre que podia voltava ao orfanato e se deliciava pegando o bebê no colo.

Seguiu-se a isso uma longa temporada em que não pôde ir a terra. Quando por fim conseguiu voltar ao orfanato, a diretora o informou de que George tinha partido. Seu amigo, o capelão Edward Riley, tinha obtido um passaporte para ele e o havia levado para o *Point Cruz*. «Ele vai enviar George para um orfanato na América.»

«Vai droga nenhuma!», espumou Keenan, deixando o orfanato.

QUANDO o padre Riley passou com «George Cruz Ascom» pelo portaló do *Point Cruz*, 1000 homens se perfilavam no convés. Durante dias, tinham trabalhado com afinco para

preparar um berçário na enfermaria. Os carpinteiros do navio tinham construído um berço e um cercado, ambos completamente atulhados de chocalhos e brinquedos feitos pelos próprios soldados, mal sobrando espaço para o pequeno bebê. Uma pilha de 30 cm de altura de fraldas tinha sido feita de lençóis da Marinha. As bainhas haviam sido cosidas pelo pessoal da lavanderia do navio, não sem dificuldade.

O bebê foi colocado sob os cuidados de dois marinheiros da enfermaria, ambos pais experientes. O cirurgião de bordo, um pediatra na vida civil, mandou a cozinha preparar uma mistura especial para alimentar o pequeno. Passados poucos dias, aquele bebê apático e magriçela começou a ganhar peso e a virar-se no berço.

Tantos eram os homens que pediam licença para visitar o berçário que o capitão Hayward resolveu instituir a «Visita ao Baby-san». Todas as tardes, depois do pequeno fazer sua sesta, o sistema de alto-falantes do navio anunciava: «Atenção! Atenção a todos! Baby-san na cobertura do hangar a partir das 14 horas!» Os homens corriam a buscar suas máquinas fotográficas e desfilavam à frente do carro de transporte de bombas que tinha sido transformado em carrinho de bebê. Falavam com o George e tiravam-lhe fotos. Alguns esticavam para ele o indicador e ele o agarrava com seu punho minúsculo, ao mesmo tempo que se ria.

Segundo se expressou William J. Powers, oficial responsável pela co-

berta do hangar, «Aquele bebê tinha 1000 tios! O armistício já havia sido assinado. Estávamos ali à espera de voltar para casa, quando, de repente, nos surgiu aquele pequeno, para receber nosso amor. Era como se ele fosse a paz por que tanto tínhamos combatido.»

GEORGE já estava no *Point Cruz* há mais de uma semana, quando o tenente Hugh Keenen subiu ventando pelo portaló à procura do padre Riley. Mal o encontrou, quis saber o que tencionava fazer com o bebê do orfanato da irmã Philomena.

O padre, assustado, pensou que Keenan fora enviado por autoridades navais. Admitiu que de fato tinham um bebê a bordo e que estavam à procura de um orfanato nos Estados Unidos para ele.

«E se eu lhe disser que quero adotá-lo?», atacou Keenan.

O padre Riley estremeceu. «Eu lhe diria Deus o abençoe, meu filho — ele é todo seu!»

Depois de se abraçarem, saíram à procura de Hayward. O capitão submeteu o cirurgião a um cerrado interrogatório, mas as respostas deste eram razoáveis. Os três concordaram que o melhor seria George continuar a bordo do *Point Cruz*. Como Keenan ainda tinha de cumprir um ano de serviço militar, o capitão iria tentar arranjar uma passagem para os EUA para George.

Quando, no jantar, a novidade foi anunciada à tripulação, a cobertura do rancho foi inundada por vivas de alegria.

De volta ao *Consolation*, Hugh Keenan dirigiu-se imediatamente ao salão dos oficiais para escrever à sua mulher. «Estou tratando de tudo para lhe enviar um presente de Natal que acho que você vai adorar!»

Os dias pareceram se arrastar enquanto ele esperava pela resposta.



Quando finalmente esta chegou, o envelope era gordo, e a carta, comprida. Mas a resposta dizia: Sim!

AS COISAS não estavam correndo bem para o padre Riley. Os coreanos precisavam de um visto para poderem entrar no território dos Estados Unidos, mas quando ele solicitou um, o

consulado dos EUA informou-o que a cota já estava esgotada. Talvez no ano seguinte.

À medida que o tempo passava, o visto do bebê parecia cada vez mais inacessível. Em meados de novembro, porém, Hayward foi convidado para um jantar em Seul, duran-

te o qual iria ser condecorado. Estava previsto que o vice-presidente Nixon compareceria ao jantar. Durante a recepção, falou-se muito do «bebê de Chick Hayward». É que todos os oficiais americanos estacionados na Coreia já sabiam da coisa. Um almirante amigo de Hayward pôs Nixon a par da história de George e da desesperada necessidade de se arranjar um visto para ele. Nixon voltou-se para o embaixador americano em Seul, Ellis O. Briggs, e pronunciou as palavras mágicas: «O

senhor acha que pode dar uma ajudinha nisso?»

Sete dias depois, o visto era concedido.

Em finais de novembro, o tenente Hugh Keenan deu um beijo de despedida em seu novo filho e entregou-o aos cuidados da tripulação do *Point Cruz*, que se preparava para

navegar para o Japão. Alguns dias mais tarde, «1000 tios» davam vivas, enquanto o bebê George Cruz Ascom, BMpc (Bebê Masculino de Primeira Classe), era passado para os braços do padre Riley, seu acompanhante na viagem para a América no navio de transporte militar.

O *POINT CRUZ* regressou aos Estados Unidos em dezembro de 1953. O padre Riley prosseguiu viagem para a América Central, onde trabalhou como missionário até morrer. Chick Hayward, o ex-estudante da pesada, foi promovido a vice-almirante e, tendo sido destacado para o *USS Enterprise*, foi o primeiro almirante a comandar uma força nuclear.

Na América, George mudou de nome para Daniel Edward Keenan: Daniel em homenagem ao pai de Hugh e Edward como tributo ao padre Riley. Durante sua infância e juventude em Spokane, Washington, para onde o pai voltou para se dedicar à cirurgia geral, Danny sonhava vir a ser comentarista esportivo. Formou-se em Comunicação em 1977. Hoje, está casado e trabalha como redator de esportes num jornal.

Um a um, os tripulantes do *Point Cruz* retomaram suas vidas de tempo de paz, constituíram famílias, construíram carreiras. Com o passar dos anos, foram perdendo o contato uns com os outros, mas nunca deixaram de se interrogar sobre «seu» bebê.

Bill Powers, o ex-chefe da coberta do hangar, cumpriu 30 anos a

serviço da Marinha. Passou a história do bebê do porta-aviões a seus quatro filhos, depois a seus oito netos e está ansioso que seus cinco bisnetos algum dia estejam suficientemente crescidos para também lhes poder contar tudo.

Em setembro de 1993, organizou-se uma reunião da tripulação do *Point Cruz* e Bill começou a envidar esforços para conseguir que «George» comparecesse. Telefonou-lhe inúmeras vezes, encorajando-o a participar do encontro.

Quando se espalhou a notícia de que o «George» iria à reunião, os veteranos vibraram com a expectativa. «Nosso bebê também vem!»

No dia, os ex-marinheiros se amontoaram para conhecerem, então, um rapaz bonito e bem constituído, agora de olhos castanhos.

«Eu ia à enfermaria só para te ver», contou-lhe Donald J. Houlihan, lembrando aqueles momentos mágicos no berçário improvisado. «Andei com você no colo», disse um outro. «E eu te mudei as fraldas», confidenciou-lhe ainda um terceiro, rindo muito.

Na última noite do encontro, Danny Keenan levantou-se para se despedir do grupo. «Como é que eu vou agradecer a eles por me terem salvo a vida?», perguntava-se em silêncio. Apesar dos rostos que observava do pódio ainda lhe serem totalmente estranhos, sentia-se extremamente comovido.

E então as palavras brotaram-lhe. «Sem vocês, eu agora não estaria aqui», disse Danny, agora calmo. «Nem nes-

te hotel, nem neste país. Provavelmente, nem mesmo na Terra!»

Os homens que constituíam a tripulação do *Point Cruz* eram gente comum. Tinham salvo uma vida sem pedir louvores nem agradecimentos, e agora, já muito tempo transcorrido, viam claramente que o

ato de bondade por eles cumprido há tanto tempo tinha sido muito importante.

Durante um momento ninguém falou. Nem era preciso dizer nada. Tal como no passado no *Point Cruz*, Danny estava rodeado por um oceano de amor paternal.

ILUSTRAÇÃO: DAVID BECK

Sem ilusões

SIR JOHN MOORES:

As pessoas têm um idéia errada acerca do dinheiro. Passam a vida a perseguir um mito: que as pessoas que têm muito são felizes devido à sua riqueza e as que não têm são infelizes. Dessa forma, criam uma ilusão de uma coisa que desejam, compreendendo mais tarde que, na verdade, não a desejavam.

A única maneira de gozar a vida é mantendo os nossos desejos simples.

— Citado em *The Daily Telegraph*, Londres

Zooteca mirim

NA ÍNDIA, uma biblioteca introduziu uma idéia curiosa, dirigida sobretudo às crianças: bichinhos de estimação. Pássaros exóticos, peixes, coelhos, porquinhos-da-índia e cobras são alguns dos animais que se emprestam no Museu Industrial e Tecnológico Birla, em Calcutá. A entrada é grátis e os animais são entregues por um mês.

O único problema que surge em relação a essa iniciativa, de resto ótima, é que, por vezes, as crianças afeiçoam-se tanto aos bichos que querem ficar com eles para sempre.

— *Scotland on Sunday*, Londres

Tanto faz

RECÉM-CASADOS, eu e o meu marido alugamos uma casa numa grande área urbanizada. Preocupada com um vazamento no banheiro do andar superior, chamei o administrador várias vezes, mas ele não aparecia. Por fim, meu marido conseguiu encontrá-lo e, falando com ele sobre a gravidade do caso, disse:

— Minha mulher tem medo que a banheira caia na cozinha!

— Na cozinha não — corrigiu o homem rapidamente. — Vai cair é na sala.

— Karen Hole, EUA